

Data 16/02/80 | Jornal O DIÁRIO - RIB Preto | Assunto: Diversos

"Economia brasileira exige renúncia", afirma Luís Biagi

Dizendo acreditar que o país caminha para uma recessão, o economista e empresário Luís Lacerda Biagi comentou ontem à noite, durante jantar do Rotary Clube-Sul na Sociedade Recreativa e de Esportes, a política econômica brasileira, adotada nos últimos anos.

Apresentando um áudio visual que iniciava com uma notícia publicada em janeiro do ano passado, quando defendia já a tese de economia de choque, Biagi disse que esta seria a única solução para que "o novo ministério não se desmoralizasse com os investidores estrangeiros", e citou a vista que os ministros Galveas e Delfim farão durante o Carnaval aos Estados Unidos, tentando renegociar a dívida externa.

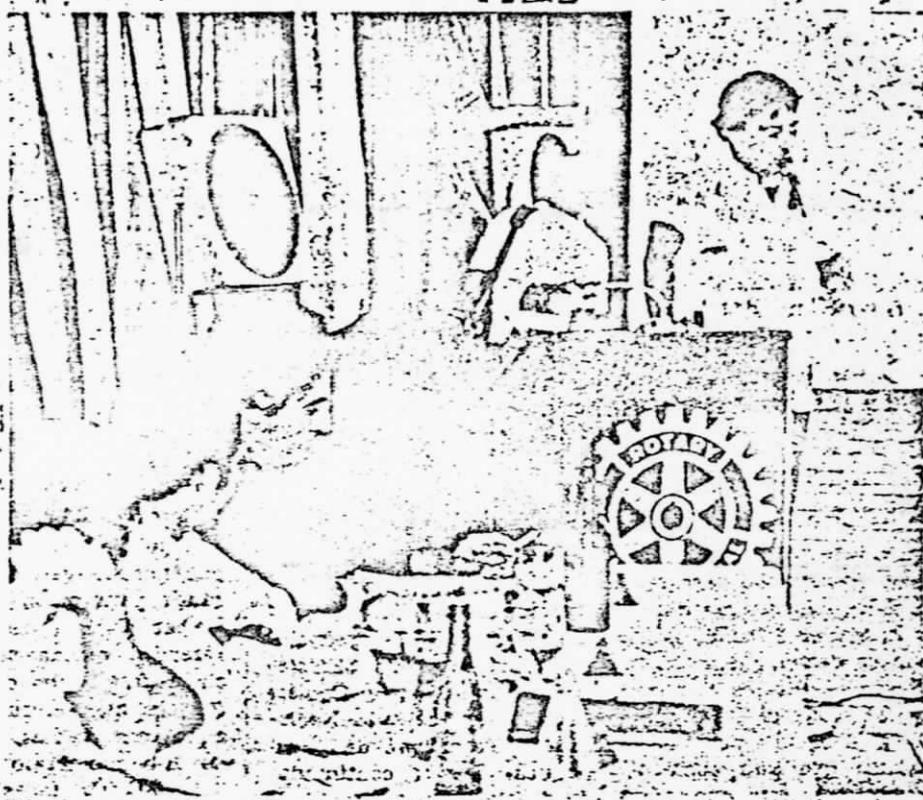
Com gráficos e muita informação estatística, Biagi mostrou que o Brasil tem mais automóveis per capita do que a Rússia, e afirmou: "Nosso país é pobre, com 80 por cento da população em condições lamentáveis e, no entanto, continuamos adotando moldes de países ricos".

TRES VEZES MAIS

Lacerda Biagi disse que "é preciso refletir porque o governo financia a compra de automóveis e depois pede para que não saiam com eles de casa".

Para ele, os fabricantes não tem interesse em lançar carros a álcool para atender o mercado comum, porque com isso desestimularia a venda de veículos a gasolina. "Em cada litro de gasolina que a Petrobrás deixa de vender — informou o economista — perde Cr\$ 13,00. Por isso que não vemos anúncios de carros movidos a álcool".

O consumo de gasolina do Brasil, em torno de 1740 litros por cada carro por ano, é maior que o Japão e Austrália, sendo apenas superado pelos Estados Unidos e Canadá. Lacerda Biagi garantiu que a produção de álcool para combustível, somente no Estado de São Paulo poderia ser três vezes maior, sem prejudicar a produção de alimentos. O economista denunciou, porém, que o Proalcool é um vago desgovernado: "Melhora a balança comercial e cria empregos; mas isso não quer dizer nada,



Biagi: uma visão crítica.

porque decide-se o que é politicamente interessante, e não o que é bom para o país".

MEDIDAS DESFAVORÁVEIS: DERRUBAM

Apontando uma série de contradições na política empregada na Petrobrás, na prospecção e comércio de petróleo e derivados, Lacerda Biagi informou que o petróleo subiu de preço, mas no mesmo período a gasolina subiu muito mais, cerca de uma vez e meia a mais. Esse excedente, arrecadado com as vendas de combustível não foram, entretanto, investidos na perfuração de petróleo.

"Ninguém quer se submeter a sacrifícios — alertou o economista; os ministros, desde Cirne Lima, quando tomaram medidas desfavoráveis às classes econômicas, caíram".

Garantindo que o maior fator inflacionário é o predomínio das estatais, "que consomem mais de 50% do PNB" — contabilizou — Biagi afirmou que o empresário

brasileiro "morreu e esqueceu de voltar".

PETRÓLEO: POUCO AUMENTO

O economista citou dois preceitos de Roberto Campos — atual embaixador em Londres e ex-ministro da Fazenda: "O capitalismo selvagem gera um sindicalismo selvagem" e "Multiplicar prioridades é a maneira mais fácil de aviltar todas elas".

Em seguida, defendeu tese de que "se os árabes aumentarem em demasia os preços do petróleo, muitos países terão que racionar e vão parar de comprar, o que não é interessante para os produtores".

Segundo ele, "ou opta-se por economia estatal ou de mercado". Lacerda Biagi afirmou que "as classes mais abastadas devem ter espírito de renúncia", e assegurou: "Estamos repetindo os erros de 64, se não nos libertarmos do consumismo pregado pelos americanos, não teremos chances de assumir o controle do país, que hoje não nos pertence".